

DOCE COMO CHOCOLATE

ROGER DEAN KISER

Imagino que todos conhecemos alguém na vizinhança que fica meio isolado e tem pouco a ver com o resto da comunidade.

Você conhece o tipo, certo? Bem, eu não sou exatamente assim, embora não esteja longe disso.

Já fui casado muitíssimas vezes. Na verdade, seria embaraçoso mencionar o número exato de vezes. Todos os casamentos foram muito bons, no que me diz respeito, embora tenham terminado porque eu era incapaz de demonstrar plenamente amor ou afeição. Achava muito fácil ser agradável, bom e responsável. Quer dizer, o que há além de ser bom, generoso, honesto e responsável? Fui criado num orfanato e não imaginava que alguém pudesse dar - ou querer - mais do que isso.

Até que um dia aquela garotinha apareceu na minha porta com as mãos sujas e chocolate espalhado por todo o rosto.

- Não se mexa, quer dizer, não mexa nem um músculo gritei com ela, correndo para buscar uma toalha molhada.

"Essas crianças não conseguem fazer nada sem me criar um problema", pensei, enquanto voltava para limpar suas mãos e seu rosto. Pelo resto do dia fiquei como um carcereiro vigiando aquela encenqueira. Não queria que ela encostasse nas minhas coisas. Mas tudo o que ouvi foi "Posso pegar isso?" e "Posso pegar aquilo?". Pensei que ia perder o resto de cabelo que ainda tinha antes do dia acabar. Graças a Deus, o telefone finalmente tocou. Respirei aliviado, vinham buscá-la. Mas não! Eles não iriam voltar da cidade e queriam saber se eu podia ficar com ela aquela noite. Procurando uma aspirina, balancei a cabeça e me conformei: "Acho que não tenho escolha." Mais tarde, naquela noite, coloquei Chelsey para dormir e estava para sair do quarto quando ela me olhou e perguntou:

- Vovô, você me ama?

- Claro que amo! Sou seu avô! - gritei, fechando rapidamente a porta do quarto.

- Amo você também, vovô - ouvi através da porta.

Fiquei alguns segundos com a cabeça encostada na parede.

Imediatamente abri a porta e fiquei ali olhando para ela na cama. Ela se aproximou e beijou minha mão. Agarrei aquela garotinha de três anos e abracei-a o mais apertado que pude. Eu não sabia, até aquele momento, como era o sentimento do amor e nunca percebera isso - eu não o conhecia.

Agora vovô e sua menininha querida comem chocolate na poltrona favorita da vovó, até que vovó apanhe a vassoura e nos expulse para o quarto onde assistimos juntos a desenhos animados e sujamos tudo de chocolate. Essa garotinha nunca mais vai ter de perguntar a seu avô, nunca mais, se ele a ama.

É verdade que temos de aprender a amar antes de começarmos a viver de verdade, mesmo aos cinquenta e três anos.

Se meu coração pode se tornar puro e amoroso como o de uma criança,
acho que não deve haver felicidade maior.

KITARO NISHIDA